

# **Enunciados narrativos e argumentação: o caso do relato de acontecimentos**

*Armindo J. B. de Moraes & Hanna J. Batoréo*

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa & CLUNL / Univ. Aberta

## **Abstract**

Our present paper is a follow-up study of our previous research (Moraes & Batoréo, in press), both of the studies being based on the analysis of the conversational narratives from the corpus Moraes (2011), facing the main research question of when and why we tell stories within oral interaction. In the present paper, we also discuss the relationship between narrative utterances and argumentation, but this time we focus specifically on the argumentative power of reports of events. We discuss the difference between narratives and reports of events in the interaction process and the role they play when people interact verbally, distinguishing between an iterative report and an informative one.

**Keywords:** Narrative Utterances; Conversational Narratives; Argumentation; Report; Discourse Analysis

**Palavras-chave:** Enunciados Narrativos, Argumentação, Relato, Narrativas conversacionais, Análise do discurso.

## **0. Introdução**

O presente artigo surge na sequência da nossa investigação anterior (Batoréo 2005, Batoréo 2007, Moraes 2006, Moraes 2011, Moraes e Batoréo a publicar) que deu origem à atual preocupação em caracterizar os contextos de interação oral nos quais ocorrem Enunciados Narrativos (ENs). Com base na investigação desenvolvida, defendemos que estes não surgem na interação oral por acaso nem desempenham nela um papel de mero entretenimento; pelo contrário, as histórias e relatos que introduzimos na conversação quando interagimos com os outros são sempre contextualmente

determinados, desempenhando uma função específica, quase sempre de carácter argumentativo.

A investigação em narratologia conversacional tem demonstrado que nos mais variados cenários do dia-a-dia somos produtores e consumidores prolíficos de ENs. Enquanto unidades textuais organizadas através de uma sequenciação temporal de acções, estes ENs podem ser posicionados num eixo de realizações balizado entre a Narrativa Conversacional e o Relato de Acontecimentos. Por contraposição à primeira, construída sob uma estrutura de Intriga, no Relato, o encadeamento temporal dos acontecimentos parece resultar mais do cumprimento de *scripts* culturalmente definidos (como, por exemplo, rotinas do quotidiano) do que da ocorrência de um processo transformacional provocado por um acontecimento, mais ou menos inesperado, que vem desequilibrar uma situação anterior.

É nossa intenção demonstrar, através da análise de dois exemplos retirados do *Corpus* de ENs de Morais (2011), o funcionamento argumentativo do Relato de Acontecimentos no quadro dialógico superior em que é inserido e identificar as estratégias discursivo-pragmáticas a que o narrador recorre para orientar o processo interpretativo dos interlocutores, condicionando a sua co-construção de sentidos de forma a aproximá-la o mais possível da intencionalidade que subjaz à narração.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: numa primeira parte, serão definidos os conceitos-chave utilizados, a saber o conceito de Argumentação, de Enunciado Narrativo e de Relato de Acontecimentos. De seguida, passar-se-á à identificação e distribuição de possíveis funções da narrativa no quadro de uma interação oral, utilizando, para tal, os resultados da análise do *corpus* de Enunciados Narrativos trabalhado em Morais (2011). Numa terceira parte, e a partir de dois exemplos retirados do *corpus*, procurar-se-á demonstrar como os Relatos de Acontecimentos podem servir uma função argumentativa no quadro interacional em que são introduzidos e em relação ao tópico conversacional. Por último, serão apresentadas as principais conclusões desta investigação.

## **1. Conceitos-chave**

### **1.1. Conceito de Argumentação**

De acordo com Perelman (1987), consideramos que Argumentar é fornecer argumentos a favor ou contra uma determinada tese. Todo o ato argumentativo é pessoal e dirigido a um auditório específico, ainda que, muitas vezes, composto (plural). Além disso, esse ato é contextualmente situado e visa obter a adesão dos interlocutores à tese previamente apresentada. O grau de adesão dos interlocutores a essa tese é de grandeza variável, o que significa que pode ser discursivamente manipulado e intensificado.

A partir de Renkema (2009) é possível identificar quatro técnicas principais de construção de argumentação:

- (i) Fornecendo uma razão, causa ou explicação;
- (ii) Comparando, criando uma analogia;
- (iii) Apresentando uma fonte de autoridade;
- (iv) Apresentando um exemplo, fornecendo uma instanciação.

Para o presente trabalho interessa-nos a última das técnicas listadas, a saber, a exemplificação através de uma instanciação que, neste caso, adquire a forma de um Enunciado Narrativo, conceito que passamos a definir em 1.2.

## 1.2. Os Enunciados Narrativos (ENs)

ENs são unidades textuais conversacionais organizadas através de uma sequenciação temporal de ações que se podem caracterizar da seguinte forma:

- a) Os ENs correspondem a Ações Comunicativas intencionalmente motivadas.

As Histórias e Relatos que contamos no dia-a-dia são reconstruções de memórias sob uma perspectiva específica, adaptada ao contexto da sua produção e no qual adquirem uma função comunicativa própria.

- b) Os ENs obedecem a Esquemas Cognitivos de cariz explicativo.

O ato comunicativo de narrar e / ou relatar cria um espaço sóciocognitivo fundamental para o desenvolvimento de esquemas explicativos que permitem dar um sentido a acontecimentos e refletir colaborativamente sobre situações específicas e sobre o seu papel na biografia de cada um.

- c) Os ENs assumem Formas de Argumentação.

Narrativas e Relatos conversacionais são formas efetivas de envolver e ganhar o interlocutor para a intencionalidade que lhe subjaz, salvaguardando a face do narrador e / ou do narratário.

O próprio processo de Narração, com a utilização intencional de um conjunto de estratégias avaliativas de focalização, modificação, encenação, etc., vai, não só, permitir o estabelecimento de um conhecimento partilhado e o reforço do sentido de proximidade entre os indivíduos, como age, ativamente, sobre as opiniões e representações dos interlocutores.

Há ainda que acrescentar que os ENs, como foi referido anteriormente, podem ser posicionados num eixo de realizações balizado entre a Narrativa Conversacional e o Relato de Acontecimentos. Na alínea seguinte procuraremos definir essa distinção, tendo presente, no entanto, que estamos perante um fenómeno escalar onde, muitas vezes, se torna difícil situar os textos empíricos que analisámos.

### 1.3. O Relato de Acontecimentos

Por contraposição à Narrativa Conversacional, construída sob uma estrutura de Intriga, no Relato de Acontecimentos o encadeamento temporal dos acontecimentos parece resultar mais do cumprimento de *scripts* culturalmente definidos (por exemplo, rotinas do quotidiano) ou de relações de causalidade entre eventos que conduzem a um Resultado ‘previsto’.

Neste sentido, Ludwig (1984) propõe considerar a diferença entre Narrativa e Relato, contrapondo a Complicação da Ação e a sua Resolução, que caracterizam a primeira, à Cadeia de Acontecimentos e respetivo Resultado, que fundamentam o segundo. No Relato não se observa a ocorrência de um evento de rutura que põe em causa a situação inicialmente apresentada, provocando uma série de acontecimentos através dos quais se procura restabelecer a estabilidade inicial. Nele, a sequência de acontecimentos caminha ‘naturalmente’ para um Resultado mais ou menos aguardado, em função do qual aquela adquire a sua razão de ser. Rehbein (1984), por analogia com a Descrição, sublinha o peso desta pré-categorização da realidade ‘relatada’ em função da justificação/explicação desse Resultado. Estamos, claramente, perante um uso argumentativo privilegiado de uma unidade textual narrativa, o que nos conduz ao tópico seguinte: Qual a função dos ENs na conversação?

## 2. Funções dos Enunciados Narrativos

A par de uma (Meta)função Fática (cf. Rath, 1981; Dell Hymes, 1996) de criação e manutenção de laços sociais de proximidade e pertença entre interlocutores, os ENs (que incluem Narrativas Conversacionais e Relatos) cumprem ainda funções específicas relacionadas com o contexto e cotexto de enunciação em que são introduzidas. A análise dos 122 ENs que compõem o *Corpus* Morais (2011) permitiu estabelecer a seguinte grelha de funções:

- |   |
|---|
| <p>1. Funções, em primeira instância, voltadas para o locutor:<br/>         Construir a sua Imagem Pessoal<br/>         Catarse: Alívio de Pressão Psíquica</p> <p>2. Funções em primeira instância voltadas para o interlocutor:<br/>         Informar (resposta a um pedido para narrar)<br/>         Divertir / Ironizar<br/>         Emocionar</p> <p>3. Funções em primeira instância voltadas para o referente:<br/>         (Des)Construir a Imagem de Terceiros</p> <p>4. Funções em primeira instância voltadas para o contexto:<br/>         (→especificamente argumentativas)<br/>         Ilustrar / Exemplificar Tese<br/>         Justificar Avaliação ou Atitude<br/>         Comprovar Erro de Avaliação de Terceiros</p> |
|---|

Quadro 1: Funções das Narrativas Conversacionais

A divisão apresentada no quadro 1 deve ser considerada como meramente operatória, obedecendo a uma intenção descritiva. Na realidade, se aparentemente nos poderiam apenas interessar, para o presente trabalho, as funções em primeira instância voltadas para o contexto, há que ter presente que, na sua maioria, os ENs analisados acumulam várias das funções comunicativas discriminadas, sendo muitas vezes difícil estabelecer a prioridade de uma delas. Por esse motivo criamos a seguinte escala de dominância para as funções identificadas em cada um dos ENs: A – Função principal; B – Função secundária 1; C – Função secundária 2.

Assim, no total dos 122 ENs analisados, foi possível verificar que 54% têm uma função Argumentativa em primeiro lugar [A] e 5% em segundo lugar [B].

Se somarmos ambos os valores, podemos concluir que 59 % dos ENs produzidos em situação de interação oral analisados surgem como exemplo, ilustração, justificação ou contra-argumento de uma tese, opinião ou avaliação expressa anteriormente.

Há ainda que referir que, quando em primeira posição [A], a Função Argumentativa aparece associada à (Des)construção da Imagem Pessoal em 41% dos ENs ou à (Des)construção da Imagem Pessoal de Outrem em 34%.

Se considerarmos o segundo grupo mais representativo, que corresponde ao dos ENs a que foi atribuída uma Função Informativa em primeira posição [A] e que

constituem 22% do conjunto total, há também que salientar que 20% destes ENs apresentam em segunda posição [B] a Função Argumentativa.

No caso específico dos Relatos de Acontecimentos, em 20 ENs foi possível atribuir uma Função Argumentativa [A] em primeira instância a 8 deles, sendo que nos restantes 12 a função Informativa surge em primeiro lugar. No entanto há que sublinhar dois aspetos: considerou-se que estes 12 tinham uma Função Informativa em posição [A] porque resultam de um pedido de relato do interlocutor. Na realidade, nestes 12 Relatos, 10 apresentam em segunda posição [B] uma Função Argumentativa.

Creemos que os dados estatísticos apresentados tornam evidente o valor argumentativo das ENs nas suas diferentes configurações textuais. Mas o que fazem exatamente os narradores ao utilizarem um EN como forma de argumentação? Também neste caso, e a partir da análise global do corpus Morais (2011), podemos estabelecer um conjunto de subfunções para a sua introdução na conversação.

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Justificar uma opinião expressa anteriormente;</li> <li>2. Justificar uma atitude tomada ou a tomar;</li> <li>3. Justificar uma avaliação de algo ou alguém, feita anteriormente;</li> <li>4. Procurar provar o erro da avaliação de terceiros;</li> <li>5. Reforçar a importância do ocorrido com novos exemplos;</li> <li>6. Explicar uma tomada de uma decisão.</li> </ol> |
|---|

Quadro 2: Subfunções avaliativas das NCs

Nas alíneas seguintes debruçar-nos-emos sobre as estratégias discursivo-pragmáticas ativadas pelo locutor para argumentar narrativamente em situação de interação verbal oral.

### 3. Técnicas de argumentação e enunciados narrativos

Retomando a teoria de Perelman (1987), que aqui se subscreve, todos nós argumentamos estabelecendo laços de solidariedade entre as teses que procuramos promover e as teses já admitidas pelo nosso auditório, construindo, assim, Argumentos de Ligação ou promovendo o rompimento com a solidariedade entre as mesmas, naquilo a que o autor chama Argumentos de Dissociação.

No âmbito dos Argumentos de Ligação, podemos estabelecer três tipos específicos:

- i) argumentos (quase) lógicos, realizados no âmbito de uma Demonstração;

ii) argumentos fundados na estrutura do real (externos ao locutor) que invocam ligações de sucessão e coexistência entre causas e efeitos, motivos e ações;

iii) argumentos que fundam a estrutura do real através do recurso ao exemplo e ao modelo.

Tendo em conta os tipos de argumentos atrás referidos e olhando para o *corpus* analisado, foi possível identificar dois tipos principais de Relatos de Acontecimentos com função argumentativa:

1. Aqueles cuja força argumentativa decorre do valor ilustrativo do Relato e da frequência dos eventos referidos;

2. Aqueles cuja força argumentativa decorre da singularidade do percurso realizado para atingir um determinado Resultado.

Passamos, de seguida, a caracterizar cada um destes tipos, procedendo, ao mesmo tempo à sua exemplificação.

### 3.1. O Relato Ilustrativo Iterativo

Neste tipo de Relato, estamos perante um processo de Narrativização de uma tese ou juízo de valor sob a forma de uma sequência de acontecimentos cuja relevância decorre da sua repetição:

*Isto é assim, porque a sequência repetida de ocorrências o demonstra.*

A força argumentativa destes Relatos decorre da qualidade (veracidade, pertinência, representatividade, ...) e da habitualidade das instanciações narrativas usadas como ilustração. Estas podem referir-se a estados e eventos habituais que se projetam no presente (e, potencialmente, no futuro), ou no passado.

Nos Relatos atrás referidos, a sequenciação de eventos assenta não tanto em relações temporais e /ou de causa e consequência entre eles, mas, sobretudo, na atualização de um *script* cultural que tanto pode ser do domínio privado como profissional. Também, por esse motivo, a omissão ou a alteração da posição dos eventos narrados não parece, na maioria dos casos, afetar a legibilidade e a força argumentativa do mesmo Relato.

Observando o exemplo abaixo (exemplo 1), retirado da interação com o código C22 casa-e-família do *corpus* Morais (2011), parece evidente que todo o texto, construído sobre um *script* de eventos do quotidiano, tem como objetivo apoiar e confirmar uma avaliação inicial, neste caso, a de que a relação entre pai e filho é excelente. Essa tese avaliativa é, ao mesmo tempo, o Resultado ‘esperado’ da sequência de ações habituais que constroem o EN.

## Exemplo 1

<i>Tópico</i> – relação pai / filho <b>Tese:</b> são inseparáveis	*PRI: [<] < mas > anda sempre com o filho // é o pai e o filho //
Ação 1	<u>de manhã / ao domingo de manhã / o pai vai à fábrica //</u> dar de comer à bicharada // e o pai diz assim // ó rapaz / levanta-te // ele levanta-se / preparam-se / vão os dois / dar de comer aos bichos //
Ação 2	vêm para baixo / vão ao futebol // *FER: hum hum / *PRI: / ver os júniores // < hhh > / *FER: pois //
Ação 3	*PRI: / <u>depois</u> vêm do futebol / às dez e meia / onze &hor / lá quando acaba // chegam a casa / comem //
Ação 4	<u>acabam de comer</u> / e diz o pai para o filho // rapaz / vai lavar a boca // hhh / é sempre assim // vai lavar a boca # // e vamos embora // vamos ao café //
Ação 5	vão tomar o café à confeitaria / vão tomar o café à confeitaria //
Ação 6	e vão / para o futebol //
Ação 7	<u>à noite</u> / chega # // comemos / todos três / vamos dar uma volta no carro // hhh / e depois vimos para casa // < hhh > /
*Coda / Avaliação Final	*FER: [<] < são muito unidos > // andam sempre juntos // hhh/ *PRI: andam // é sempre assim // *FER: sim senhor // *PRI: e passamos a vida assim / menina //

O primeiro aspeto a realçar na análise deste Relato é a sua obediência a um *script* do quotidiano balizado entre os seguintes marcos temporais: *de manhã* – *depois de comer* (o almoço) – *à noite*.

O segundo aspeto tem a ver com a utilização do Presente do Indicativo para construir os eventos relatados, marcando o carácter habitual dos mesmos. Esta leitura de habitualidade é, noutros exemplos do *corpus*, obtida pelo uso do Pretérito Imperfeito. A mesma informação aspetual é transportada pelos adverbiais temporais como – *sempre* – e – *ao domingo de manhã* –.

Há ainda que sublinhar o recurso à encenação de alguns dos acontecimentos através da dramatização dos mesmos com a utilização do Discurso Direto nas falas da personagem principal. Esta estratégia de destaque dos momentos-chave da narrativa é basilar na construção de narrativas conversacionais, destacando, normalmente, o gatilho



e o clímax da ação (ver Morais, 2011). No presente caso, e dado que não há uma construção de intriga, parece, sobretudo, acentuar a relação hierárquica entre as personagens, atribuindo o poder de decisão (e de fala) a uma delas.

### 3.2. O Relato de Percurso

No caso do Relato de Percurso estamos perante um processo de Narrativização de um Resultado sob a forma de um Relato de Acontecimentos que explica como se chegou até ele. Dito de outra forma, faz-se a defesa de um Resultado através da apresentação da sequência singular de ações que a ele conduziu. Esse Resultado adquire o estatuto de uma tese justificada pelo Relato realizado.

*Isto é assim, **porque** resulta da seguinte sequência de ações.*

A força argumentativa deste tipo de Relato decorre, então, do valor explicativo do percurso que conduziu ao Resultado.

Observe-se o seguinte exemplo (exemplo 2), retirado da interação com o código A398 psf-profi do *corpus* Morais (2011). Questionada sobre a sua nova vida em Lisboa, a locutora constrói um Relato de eventos que conduzem a um Resultado específico – a sua capacidade de preencher o vazio que sentiu ao perder uma vida profissional ativa no Algarve.

## Exemplo 2

<i>Tópico</i> : a nova vida em Lisboa	*I03: pois // quer dizer / agora / com esta / com esta vida de dona de casa / sentiste bastante a diferença / não?
Ação 1  <i>Orientação de Background</i>	*OLG: no princípio / senti bastante //faltava-me uma ocupação / antes de ter o pequeno // e procurava realmente : / adaptar-me // o <u>que foi difícil</u> / no princípio // porque eu / &n: / não / não era que me sentisse inútil / mas: &eh: / não me &se / &eh [/] sentia que não me /preenchia [/] não preenchia os meus tempos / livres //
Ação 2	depois <u>surgiu</u> o miúdo //
Ação 3	e eu <u>deixei de</u> / <u>frequentar</u> chás // hhh / *I03: hhh /
Ação 4	*OLG: e deixei [/] e: / quer dizer / <u>comecei a ter</u> o tempo muito mais / ocupado //
Ação 5  <i>Orientação de Background</i>  <i>Orientação de Background</i>	depois / também: [/] apesar disso eu como sou muito activa / gostava de fazer qualquer coisa // dei [/] <u>comecei a ter</u> umas explicações eu / que aliás em Faro / tinha grandes grupos de explicações //
Ação 6	e: / para além disso / &hum / <u>resolvi</u> / tomar / a meu [/] tomar / parte / dentro de alguns trabalhos da paróquia //
Tese / Resultado	portanto / *I03: pois // *OLG: / assim <u>consegui</u> / digamos / preencher aquele: / vácuo / que eu sentia //

Por contraposição ao exemplo 1, aqui é possível seguir uma cadeia sequencial de ações no Pretérito Perfeito Simple (ver sublinhados no texto) que conduz a um Resultado desejado: preencher o vácuo que sentia. Embora não haja um acontecimento de rutura que provoque as ações relatadas, a sua sucessão é perspectivada como um processo lento de mudança entre uma Situação Inicial e uma Situação Final (Para tal concorre, por exemplo, o recurso a expressões com valor aspetual incetivo na sua construção). Estamos, claramente, muito mais próximos da Narrativa Conversacional do

que no exemplo anterior e, provavelmente, perante um texto híbrido que faz a transição entre ambos os tipos de EN<sup>1</sup>.

A ocorrência de várias Orientações de *Background*, típicas da Narrativa Conversacional, aponta também naquele sentido. Sem interferirem na sequenciação temporal/causal dos acontecimentos, estas orientações de cariz avaliativo avançam informação sobre a locutora, considerada pertinente para uma melhor compreensão dos objetivos finais do Relato.

Por último, há que destacar o uso de um conector argumentativo com valor conclusivo – *portanto* – que sinaliza o encerramento do EN, ao mesmo tempo que focaliza o Resultado/Tese do mesmo.

#### 4. Conclusões

Uma análise detalhada de um *subcorpus* de 20 Relatos de Acontecimentos identificados no *Corpus* Morais de ENs (2011) permitiu-nos tirar as seguintes conclusões:

(i) Os Relatos de Acontecimentos são usados como formas de argumentação a favor ou contra uma tese / avaliação / opinião expressa anteriormente ou como forma de explicar um determinado Resultado;

(ii) Como no caso das Narrativas Conversacionais, o locutor serve-se quer da sua força explanatória, quer da sua iteração/singularidade para ganhar a adesão dos alocutários para as posições que defende.

Por outro lado, ao ser confrontado com a ‘realidade’ (habitual ou singular) dos eventos que estão diretamente relacionados com a tese defendida, o alocutário é levado a partilhar o seu valor argumentativo;

(iii) A força argumentativa dos Relatos reside, assim, quer no valor habitual dos acontecimentos que ilustram a Tese defendida, quer na singularidade do percurso que conduz a um Resultado que se procura justificar.

(iv) Uma análise estatística das funções dos Relatos de Acontecimentos na interação verbal oral, permite concluir que:

---

<sup>1</sup> Quasthof (1980, 61-64) inclui este tipo de exemplos num conjunto de narrativas em que, aparentemente, não há uma rutura com o plano de ação apresentado e onde o inesperado decorre, não do rompimento de um plano de ação anterior (do narrador-agente ou do narrador-observador) mas, pelo contrário, da prossecução desse mesmo plano, apesar do senso comum apontar para a dificuldade da sua concretização. Considera, no entanto, que nestes casos já não é possível falar em Complicação da Ação em termos de constituinte central do texto narrativo, o que se coaduna com a nossa opção por considerar Relatos aqueles ENs em que não ocorre uma Intriga.

- (a) No caso dos Relatos Ilustrativos Iterativos, as funções de justificação de uma tese ou juízo de valor e de construção de imagem pessoal sobrepõem-se à função informativa;
- (b) No caso dos Relatos de Percurso, a primeira função é informativa, uma vez que, quase sempre, resultam de um pedido de informação por parte do interlocutor. No entanto, em quase todos eles a segunda função presente é, claramente, argumentativa.

Ainda no grupo dos Relatos Ilustrativos Iterativos, e ao contrário do que ocorre nas Narrativas Conversacionais, há um apagamento voluntário de muitas das estratégias avaliativas que promovem o envolvimento do interlocutor nos factos narrados. A força da argumentação assenta, claramente, no carácter repetido das ações referidas e é sustentada textualmente pelo aspeto verbal habitual dos tempos utilizados.

Um último reparo: a contraposição entre os tipos de Relato identificados abre portas para uma discussão mais alargada e, cremos, pertinente sobre a relação entre Narrativas Conversacionais e Relatos de Acontecimentos. O presente trabalho é, claramente, uma primeira proposta de abordagem desta questão no âmbito de uma linguística textual de base cognitiva que gostaríamos de prosseguir em trabalhos futuros.

## Referências

- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2005) Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms? In: Bokus, B. (ed.) *Studies in the Psychology of Child Language - Papers in Honour of G.W. Shugar*. Warszawa: Matrix, pp.329-346.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2007). Enquadramento Cognitivo para a Estrutura Narrativa: uma Proposta de Olhar para a Narrativa a partir da Perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy. *Veredas (Revista da Universidade Federal de Juiz de Fora)*, Juiz de Fora: Editora da UFRJ, V. 10, nº 01 e 02 - Jan/Dez, pp. 21-32.
- Hymes, Dell (1996) *Ethnography, Linguistics, Narrative Inequality. Toward an Understanding of Voice*. London: Taylor & Francis.
- Ludwig, Otto (1984) Berichten und Erzählen: Variationen eines Musters. In: Ehlich, K. (ed.), *Erzählen in der Schule*. Tübingen: Günter Narr Verlag, pp. 38-54.
- Morais, Armindo (2006) Então não é? – Aspectos avaliativos na produção de narrativas em situação de interação oral. In: Marques, M. A. et alii (org.), *Processos Discursivos de Modalização. Actas do III Encontro Internacional de Análise do Discurso*. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, pp. 173-192.

- Morais, Armindo (2011) *Narrativas Conversacionais: a Introdução de Enunciados Narrativos em Situação de Interação Oral*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Aberta.
- Morais, Armindo e Hanna Jakubowicz Batoréo (a publicar). Quando e Porquê contamos uma história? Narrativa e Argumentação: O Caso das Narrativas Conversacionais. Comunicação apresentada na 2.<sup>a</sup> Conferência Internacional sobre Gramática e Texto, FCSH – UNL, Lisboa, 9 de Setembro de 2011.
- Perelman, Chaïm (1987) Argumentação. In: *Enciclopédia Einaudi*, pp. 234-265.
- Quasthof, Uta (1980) *Erzählen in Gesprächen: linguistische Untersuchung zu Strukturen und Funktionen am Beispiel eine Kommunikationsform des Alltags*. Tübingen: Günter Narr Verlag.
- Rath, Roland (1981) Zur Legitimation und Einbettung von Erzählungen in Alltagsdialogen. In P. Schröder & H. Steger (ed.) *Dialogforschung*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, pp. 265-286.
- Rehbein, Jochen (1984) Beschreiben, Berichten und Erzählen. In: Ehlich, K. (ed.), *Erzählen in der Schule*. Tübingen: Günter Narr Verlag, pp. 67-125.
- Renkema, Jan (2009) *Introduction to Discourse Studies*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.